

Do Vazio do *Meinen* (Ter em Mente) ao Todo da *Lebensform* (Forma de Vida) no Segundo Wittgenstein

[From the Empty of the *Meinen* (Mean) to the Whole of the *Lebensform* (Form of Life) in the Second Wittgenstein]

Eleonoura Enoque da Silva*; José Maria da Silva Filho**

Resumo: O fascínio pelo processo inerente à compreensão sempre foi um algo que inquietou a Filosofia com sua pergunta: que torna possível a compreensão? Ao contrário, poucas vezes se atentou para o uso que fazemos de tal termo. Isso o tirou de seu contexto e o investigou como relacionado a um processo mental, situado no sujeito. Essa abordagem gerou alguns questionamentos, dentre eles: se a compreensão e os processos nela envolvidos se dão na mente, como ter acesso a eles? Como saber o que há na mente do outro? Este texto pretende apresentar o papel desempenhado, tanto pelo verbo *meinen* (ter em mente), em sua desvinculação com processos mentais, quando de sua gramática, como pela expressão *Lebensform* (forma de vida), nas *Investigações Filosóficas*, como condição em que, tanto o *meinen* tem seu uso mais autêntico, como também o pano de fundo que torna possível entender as *Investigações*, como um todo.

Palavras-chave: *Meinen* (ter em mente). *Lebensform* (forma de vida). Wittgenstein. Processos mentais. *Investigações Filosóficas*.

Abstract: The fascination with the process inherent to understanding has always been something that has disturbed Philosophy with its question: what makes understanding possible? On the contrary, little attention has been paid to the use we make of this term. This took it out of its context and investigated it as related to a mental process, situated in the subject. This approach generated some questions, among them: if understanding and the processes involved in it take place in the mind, how can one have access to them? How do you know what's on the other's mind? This text intends to present the role played, both by the verb *meinen* (to mean), in its disconnection with mental processes, in terms of its grammar, and by the expression *Lebensform* (form of life), in *Philosophical Investigations*, as a condition in which, both the *meinen* has its most authentic use, as well as the background that makes it possible to understand the *Investigations* as a whole.

Keywords: *Meinen* (mean). *Lebensform* (form of life). Wittgenstein. Mental processes. *Philosophical Investigations*.

*Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNICAP (PPGFIL UNICAP). E-mail: eleonoura.sailva@unicap.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1762-0356>.

**Mestrando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: jose.maria@unicap.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-4298>.

Introdução

Em sua obra, publicada postumamente, as *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein parte de uma citação das *Confissões*, de Santo Agostinho, possivelmente pelo excerto apresentar a "ideia de que a língua é uma nomenclatura e que aprender uma língua equivale essencialmente a aprender a associar palavras e coisas, por definição ostensiva ('isto se chama N')" (PENCO, 2006, p. 136). Associada a essa mesma ideia, pode-se dizer que está a compreensão de que o significado de uma palavra está relacionado diretamente a "uma imagem mental associada a uma palavra" (PENCO, 2006, p. 136). E é partindo dessas duas concepções que Wittgenstein lança suas críticas, isso porque, em ambas as situações, tem-se a ideia de que há uma imagem mental que se associa diretamente a um suposto processo mental, como se isso fosse como que o modo de apreensão do mundo exterior, por meio do qual se chega à significação.

Pode-se dizer que, seguindo esta última linha está William James, pois, para ele, para se chegar ao significado, bastaria olhar para o interior, uma vez que, segundo ele, "se quisermos investigar o pensamento humano, temos de voltar-nos para dentro de nós mesmos, a fim de observar ali a ocorrência de processos mentais ou psíquicos" (SPANIOL, 1989, p. 21).

E por falar em interior, ao analisar os argumentos presentes na crítica feita por Wittgenstein, nas IF, percebemos uma recorrente menção ao verbo alemão *meinen* ("ter em mente"), também traduzido como "querer dizer", às vezes "significar", dirigir a atenção, intencional. Isso porque, no primeiro momento, dar-se a entender haver associada a esse verbo um processo mental, mas, adentrando na sua argumentação, descobrimos o contraditório, *meinen* ("ter em mente") revela justamente o contrário, ao olhar para seu uso: não existe nenhum processo mental que se lhe associe.

Para isso vamos fazer um percurso através das *Investigações Filosóficas*, elucidando o termo em questão, em sua relação com o suposto processo mental e, a partir da conclusão apresentada, mostrar em que se apoia, em última instância, nosso filósofo para chegar a tal conclusão, quando se trata de outro termo que, diferente daquele, aparece pouquíssimas vezes, mas que acreditamos ser de fundamental importância, quando em questão está o ser humano como ser de linguagem e ação. Aqui nos referimos à expressão *lebensform* (forma de vida).

1. Do verbo *meinen* e sua extensão

Antes de fazermos nosso percurso sobre as IF, como dissemos, cremos ser necessário ao menos algumas considerações sobre o termo em questão. O verbo alemão *meinen* não possui correlato em nossa língua, o que, no primeiro momento, coloca-nos frente a uma limitação semântica. O outro é que ele tem "também várias acepções diferentes na própria língua alemã" (ALMEIDA, 2017, p. 318).

Bem, em se tratando de sua semântica, convém que ao menos o situemos. Ele faz parte do que se denominam verbos psicológicos e, como tais, segundo Almeida, devemos nos atentar ao que se segue: "*meinen*, assim como *fürchten* (temer), *hassen* (odiar), *lieben* (amar) ou *glauben* (crer) são verbos psicológicos cujos sujeitos podem cumprir, em relação a eles, certos papéis funcionais, dependendo do caso" (ALMEIDA, 2017, p. 318).

E com relação a esses "papéis funcionais", pode-se dizer que se dividem em dois principais grupos: experienciador e agente. Enquanto "experienciador", o sujeito participa involuntariamente da ação, como quando se diz: "A teme B". Nessa situação, a ação, embora seja de A enquanto sujeito, se dá em decorrência de B, ou seja, A se coloca como aquele que experimenta sua ação, mas frente a B. Enquanto "agente", ao contrário, como na sentença: "A acalma B", o sujeito é quem participa da ação. O fato é que, se utilizando de nosso verbo em questão (*meinen*), Wittgenstein, nas IF, faz uso do termo com essas duas acepções.

Sobre nosso verbo, e aqui nos referimos ao aspecto de suas acepções, Moreno (2000) diz que "o termo alemão '*meinen*' pode ser convenientemente traduzido para o português por uma palavra, todavia, pouco usada, que é '*mentar*' no sentido de '*ter em mente*'" (MORENO, 2000, p. 68), mas da mesma forma, embora compreendamos, recai sobre o mesmo problema semântico, por se tratar de uma tradução em língua espanhola, significando "mencionar, citar, nomear", sendo esta última mais usada por nós.

O fato é que de suas acepções, de cujo uso Wittgenstein se utiliza, apontaremos alguns usos nas IF, a fim de mostrar sua relevância na construção dessa obra que, metodologicamente, faz a opção de trazer, como parte constituinte, vários experimentos mentais, com a intenção de apresentar situações em que sua solução se coloca oposta ao que normalmente se tem como válidas. Veja-

mos, pois, esses recortes.

2. Ter em mente, o significado e o aparente mentalismo

Primeiramente é preciso estar ciente de que nas IF, segundo Almeida, Wittgenstein quer

realizar uma *investigação gramatical*. Uma pura prática, que significa observar atentamente, de maneira ordenada e panorâmica, como funciona a lógica de nossa linguagem mediante o *uso de nossas sentenças*, como os pressupostos daquilo que é dito se conectam com vários elementos, que aparecem, depois de expostos, em uma rede interna de relações linguísticas que sustentam os pilares ou o sentido de uma afirmação qualquer. Não é o conteúdo que interessa, propriamente, mas o modo como o conteúdo se organizou. (ALMEIDA, 2015, p. 33, grifo nosso)

A partir daqui, então, começemos nossa empresa na tentativa de mostrar as relações existentes entre o verbo *meinen*, a significação e a falsa impressão dessa relação como o mentalismo.

Como mencionamos no início, Wittgenstein parte de um excerto das Confissões. Não porque é nessa obra em que seu autor objetiva a linguagem, mas porque, como diz Glock, o trecho em questão

compreende [...] quatro posições: uma *concepção referencial das palavras*, uma *concepção descritivista das sentenças*. A ideia de que a *definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem* e a ideia de que *uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas* (GLOCK, 1998, p. 371, grifo nosso).

Aqui podemos ver claramente pairando sobre a linguagem o papel do ter em mente como um processo mental que liga a palavra às coisas no mundo. E sobre esse ponto, já de cara encontramos uma afirmação categórica de Wittgenstein, que diz: "Se dizemos: 'Toda palavra da linguagem designa alguma coisa', então até aqui não dissemos *absolutamente nada*" (IF §13, grifo do autor).

E para exemplificar esse dado, ele apresentou uma situação, na qual se desenvolve um jogo de linguagem específico (IF §2), em que A, direcionando a B, ao dizer: "bloco", "coluna", "placa", "viga", não denota nenhum objeto, mas uma ordem: "Porque aquele que exclama 'placa, na realidade *quer dizer* [*meinen*]: 'Traga-me uma placa!'. – Mas como é que você faz para *querer dizer* [*meinen*] isso enquanto diz apenas 'Placa'?" (IF §19, grifo nosso). Aqui aparece a primeira vez nosso verbo e sua falsa impressão de mentalismo. E o próprio autor continua:

Mas em que consiste usar uma sentença em contraposição a outras? Ficam na mente de alguém, talvez, essas sentenças? E todas? E enquanto se fala a sentença, ou antes, ou depois? – Não! Mesmo que uma explicação como essa seja tentadora, nós só precisamos considerar por um momento o que realmente acontece para ver que *estamos aqui num falso caminho*. (IF §20, grifo nosso)

O falso caminho aqui está justamente em se associar o ter em mente com um processo mental. Que possibilita, frente àquela situação das ordens, não haver uma denotação, mas uma ordem? – Seria um processo mental, dir-se-iam, mas não enveredemos por esse "falso caminho", voltemos a outros usos do *meinen*, pois, segundo Morgado (2009, p. 6), "o uso [...] passa a ser o elemento norteador dos contributos do filósofo, constituindo-se [...] como fonte da gramática profunda (aquela que determina o significado semântico) das palavras e proposições por elas formadas.

Da mesma forma, vemos a importância do uso no processo de significação, apresentada tanto por Moreno como por Pears. Para este, "*o significado e a necessidade apenas se mantêm nas práticas linguísticas que os incorporam*" (PEARS, 1971, p. 171, grifo nosso); para aquele, "a significação das palavras é relativa à forma pela qual a significação é ensinada, pelos exemplos que introduzem e pelas aplicações que dela fazemos (MORENO, 2000, p. 49).

Podemos, ainda, de acordo com Wohlke, dizer que

o sentido que atribuímos a uma palavra depende da maneira como a usamos em nossa linguagem ordinária e não necessariamente de uma imagem mental. Isso implica em uma mudança na forma de olhar para alguns conceitos filosóficos, dentre os quais o de *mente*. (WOHLKE,

2018, p. 18, grifo nosso)

Antecipando uma primeira apreciação, o que distingue o fato de apontar para algo e dizer "placa", denotando-o; e dirigindo-se ao ajudante do exemplo das IF, dando-lhe uma ordem, repousa, ambos em significações diferentes. Não decorrentes de processos mentais, mas oriundos de usos e situações contextuais diversas. E por falar em usos, sigamos com mais algumas situações em que encontramos nosso termo em questão.

No parágrafo 35 das IF, encontramos outra associação do ter em mente:

Só numa linguagem posso significar algo com algo. Mostra-se claramente que a gramática de 'significar' [*meinen*] não é semelhante à da expressão 'imaginar algo' e outras semelhantes (IF §35).

Curiosamente, etimologicamente, "a palavra alemã para 'significado' [*be-deutung*] deriva da palavra alemã para 'apontar' [*deuten*]" (HEBECHE, 2016, p. 21), mas o ato de significar apontando a algo, como vimos, necessita de um jogo singular que difere de outros jogos, quando, na mesma situação, falamos das cores, por exemplo. Ou seja, o que distingue o significar o objeto e não a cor, quando pego uma maçã vermelha e digo: "maçã", é justamente o uso que se faz dentro de um jogo de linguagem, não o fato de ter em mente (como se fosse um processo mental) o objeto e não a cor. Não se resumiria, pois, aqui, a um simples apontar.

Categoricamente, o que encontramos quando atentamos para os usos de "ter em mente", nas *Investigações Filosóficas*, aponta que

Wittgenstein vai na contramão da visão mentalista ao atribuir o significado dos termos da linguagem ao uso que deles fazemos, ou seja, *o que importa não são mais as imagens na mente dos falantes, mas as interações que eles estabelecem entre si numa atividade que é pública e, portanto, externa.* (WOHLKE, 2018, p. 45, grifo nosso)

Por isso, a importância de atentar para a gramática da palavra. E quando falamos dessa gramática, estamos inclinados a ter em mente, a partir dessa investigação, o conjunto das ações enquanto do ser humano como ser de linguagem.

De outro modo, cairíamos na tentação de um significado imutável, metafísico, atômico etc.

Mas continuemos nossa intencional odisseia. Vinculado à significação como um processo compreensivo, encontramos de Wittgenstein o que se segue no parágrafo 155 das IF:

De uma vez por todas, não pense mais na compreensão como um "processo mental"! – Pois é *esse* modo de falar que lhe confunde. [E continua]: no sentido em que há para a compreensão processos característicos (ou, também, processos mentais), a compreensão não é um processo mental (IF §155)

Assim, ele abandona a perspectiva psicológica desse processo como se fosse um processo psíquico, voltando sua atenção para "a gramática da palavra 'compreensão' [...]. Compreender não é um processo mental (embora esteja acompanhado de processos mentais) [...]" (PENCO, 2006, p. 140).

E por falar de processo mental, entramos numa seara um tanto tendenciosa de afirmação do ter em mente como um processo mental. Referimo-nos aqui a dois fatos, o primeiro, o de continuar a sequência; o segundo, o de seguir uma regra.

Frente a essas situações, Wittgenstein escreve:

Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são costumes (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica. (IF §199)

Nesse caso, claro está que compreender não é ter em mente, quando se continua uma sequência ou segue uma regra, mas o dominar uma técnica. Sobre isso, mais adiante, ele diz que "'seguir a regra' é uma prática. E acreditar que se segue a regra não é seguir a regra. Portanto, não se pode seguir a regra 'privadamente', porque, caso contrário, o próprio acreditar que se segue a regra seria como seguir a regra". (IF §202)

Ou seja, segue-se uma regra porque houve um treinamento em seguir regras, vivemos num horizonte em que a prática de seguir regras se constitui como uma prática humana. Desse modo, o "privadamente" nesse caso não tem papel nenhum nessa prática. Sobre o privado, concluímos com Souza, quando diz:

Conceitos mentais ou psicológicos são aprendidos no uso e treino linguístico, em circunstâncias normais. *Não existem "besouros" privados a que tais conceitos se refiram ou sejam instanciados, não existem substâncias espirituais que sirvam de ancoragem de significação para termos psicológicos. O que existem são regras e traços de uso correto dos termos mentais, isto é, sua gramática.* A decifração ou o expor dessa gramática é um exercício complexo, pois os conceitos se constituem a partir de uma conjunção variável nos jogos de linguagem dos conceitos mentais, em que enunciados e comportamentos característicos, em contexto de uso e circunstâncias específicas, dinamizam a complexidade e fluidez dessas gramáticas. (SOUZA, 2014, p. 70, grifo nosso)

Desse modo, também podemos dizer que está claro que a linguagem é algo partilhado por todos, e apenas nela é possível a significação, oriunda dos diversos jogos de linguagem, atuando em sua flexibilidade, também própria da linguagem. Sobre essa relação podemos apresentar mais um exercício apresentado pelo filósofo austríaco, quando diz: "Digo uma frase: 'O tempo está lindo'; mas as palavras são sinais arbitrários – coloquemos, portanto, em seu lugar, estes sinais: 'a b c d'. Mas agora eu não posso, quando os leio, vincular a eles, sem mais, o sentido acima". (IF §507)

Em que situação real, pois, poderíamos "querer dizer", "significar", a sentença "o tempo está lindo" com os sinais "a b c d"? Afirmar essa possibilidade é engatilhar uma Torre de Babel, e, em decorrência disso, tiraríamos a condição essencial para a compreensão do ser humano, a linguagem. E, quando nos referimos à linguagem aqui, referimo-nos ao seu caráter essencialmente público.

Esperamos, pois, que tenhamos apresentado elementos dessa relação entre o ter em mente (*meinen*), a significação e a impressão do processo mental a ele vinculado. Muitos são os exemplos e exercícios que Wittgenstein apresenta nas IF, buscando demonstrar essa negação do ter em mente como um processo mental. Nosso objetivo até então não é fazer todo esse percurso. Até mesmo

alguns desses exercícios seriam passíveis de explanação e aprofundamento com exclusividade, dadas suas abrangências.

Nossa intenção, a partir de então, é tentar responder a uma pergunta: se o ter em mente é um recurso usado com tanta frequência em nosso exercício na linguagem, e ele não denota um processo mental, que torna possível seu uso? Ou seja, qual o "fundamento" em que ele encontra sustentação? A resposta, a ser esplanada ademais, a nosso ver, encontra apoio em um termo muito menos expressivo (quanto ao número de vezes em que aparece) em relação ao próprio *meinen*, porém de maior importância, por ser ele sua condição de possibilidade, que é a forma de vida (*lebensform*). Vejamos.

3. Forma de vida: expressão de apoio para a ação linguística

O ser humano, dizia Aristóteles, é um "animal racional" (*zoón logikón*). Dizendo de outra forma, e até mais precisa, um animal dotado de logos (raciocínio, pensamento, fala). Desse modo pode-se dizer que essas são características da linguagem e que ela constitui um elemento que lhe é essencial. Segundo Glock (1998, p. 277), Wittgenstein retoma a ideia de Aristóteles de que o ser humano é um animal "essencialmente" linguístico e a radicaliza. Com isso, o que tínhamos como elemento que capacitava o ser humano, como ser que adquire conhecimento, ao ponto de conhecer "verdades necessárias", ou até mesmo ser possuidor de moral, tudo isso só se torna possível porque faz parte daquilo que nos constitui como diferentes dos outros seres, ou seja, somos seres de linguagem.

A linguagem, desse modo, apresenta-se como o *medium* pelo qual o ser humano é-no-mundo. O que é-no-mundo humano se dá mediante a linguagem. Se partirmos desse pressuposto, podemos até dizer que há um processo intermediador entre o seu modo de ser e a linguagem como constituinte desse modo. Segundo Grayling (2002, p. 90), "uma linguagem é parte do tecido de uma 'forma de vida' inclusiva".

Queremos, pois, partindo desse pressuposto, mostrar, nesse momento, a pertinência e recorrência da expressão *lebensform* como pano de fundo possibilitador da proposta de Wittgenstein nas Investigações, o que inclui o "ter em mente". Para isso, primeiramente, situaremos essa expressão.

"Forma(s) de vida" (*lebensform*) aparece nas *Investigações Filosóficas* em apenas cinco parágrafos, a saber: 19, 23, 241 (da primeira parte), e nas páginas¹ 173 e 218 da segunda parte. Vejamos, pois, quais são:

E imaginar uma língua significa imaginar uma forma de vida. (IF §19)
A expressão "jogo de linguagem" deve enfatizar aqui que o falar de uma linguagem é parte de uma atividade ou de uma forma de vida. (IF §23)

Correto e incorreto é o que as pessoas dizem; e as pessoas concordam na linguagem. Isso não é uma concordância de opiniões, mas de forma de vida. (IF §241)

Aquele que domina o emprego de uma linguagem, isto é, os fenômenos da esperança são modificações desta complicada forma de vida. (IF, p. 233)

O que precisa ser aceito, o dado – poder-se-ia dizer – são formas de vida. (IF, p. 292)

Para alguns estudiosos, ela não constitui um ponto central no pensamento do filósofo, dada justamente suas discretas aparições. Para outros, por sua vez, "sua compreensão parece envolver, de algum modo, a compreensão das *Investigações Filosóficas* como um todo" (SPANIOL, 1990, p. 12). Segundo Velloso (2003, p 159), ainda, "outros, como Norman Malcolm (1986, p. 91) consideram-na uma noção fundamental".

Acompanhando esses e tantos outros, podemos, pois, dizer que não se pode falar de jogos de linguagem, nem de seguir regras, nem linguagem, sem levar em consideração o que está por trás da expressão "forma de vida". Segundo Arruda (2017, p. 72), "nossa *forma de vida* [...] se revela como sendo um "modo de agir comum dos homens".

Outro aspecto que se deve levar em consideração, embora sem muitos por menores, refere-se ao termo que ora aparece no singular, forma de vida, ora no plural, formas de vida.

Segundo Spaniol (1990, p. 13), para "alguns intérpretes (ver, por exemplo, KRIPKE, 1982, pp. 96-98), existiria uma única forma de vida característica da

¹ WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marcos G. Carneiro. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

nossa espécie, algo como a forma de vida humana". Por outro lado, no próprio texto das IF, Wittgenstein, ao falar de "uma forma de vida" (IF §19), dá a entender que existem outras.

De acordo com Velloso (2003, p. 164), por sua vez, no mesmo parágrafo, "Wittgenstein emprega claramente o termo 'jogos de linguagem' justamente como um elo entre 'linguagem' e 'atividade ou forma de vida', considerando a linguagem como uma parte de uma forma de vida".

O que se pode, contudo, dizer, é que o conceito "forma de vida" se refere a participar de "uma" forma de vida, que, no mundo humano, associa-se diretamente com a cultura como uma "produção", ao mesmo tempo em que o próprio ser humano é o que é por sua causa.

Wittgenstein, ao usar o conceito "forma de vida", incorpora à linguagem situações interpessoais que, embora sejam muitas, não se reduzem apenas à linguagem em si, mas sua relação com a ação humana, como, por exemplo, o fato de seguir regras (e inclusive a linguagem é uma ação guiada por regras).

E quando falamos de regras, entramos num conceito muito explorado por Wittgenstein nas IF. Segundo Hintikka & Hintikka,

Wittgenstein reconhece que existe uma conexão estreita entre o conceito de jogo de linguagem e o de regra. Contudo, ele inverte a sua prioridade relativa tal como acreditamos habitualmente que ela seja, com isso, salva a seu contento a primazia dos jogos de linguagem. (HINTIKKA & HINTIKKA, 1994, p. 260)

Para Wittgenstein, seguimos regras, somos guiados por elas, mas o fazemos não como uma interpretação que tem como recurso um processo mental e, portanto, interno, na mente, mas simplesmente porque estamos imersos num exercício que nos faz segui-la.

Ao direcionarmos nossa atenção, por exemplo, para quem age, como quando se escreve: 0, 2, 4, 6... e diante da ordem: "continue a sequência", tem-se o que se segue, não quer dizer com isso que aquele que continuou intuiu, "teve em mente" (captou o que estava na mente de quem propôs) o que estava por trás da sequência inicial. O que está revelado aqui é que ele domina uma regra, nesse

caso, aqui, a regra de acrescentar +2.

O continuar a sequência aqui não se torna possível porque ao olhar para a sequência se pensa o que o outro tinha "em mente", mas porque aquele que continua domina esse jogo de continuar. Porque as regras foram transmitidas, ensinadas, muitas vezes, "assemelham-se antes a reações ou comportamentos instintivos do que propriamente racionais e reflexivos" (SPANIOL, 1990, p. 15). De acordo com Hintikka, por exemplo, temos:

É o jogo de linguagem todo que determina – na medida em que uma determinação seja possível – se uma regra está sendo seguida ou não. E um jogo de linguagem não se aprende mediante o aprendizado de critérios; ele é ensinado por treinamento e inculcação. (HINTIKKA & HINTIKKA, 1994, p. 273)

Ademais, e na mesma direção, encontramos mais uma vez em Spaniol:

O próprio conceito de seguir uma regra (no caso, o indicador de direção), existe somente "na medida" em que existe um uso regular, um hábito. Ou seja, é logicamente impossível alguém "orientar-se por um indicador de direção" sem que haja um uso regular de indicadores de direção. (SPANIOL, 1990, p. 18).

A partir dessa afirmação, vejamos uma situação com vista a exemplificá-la: há uma floresta cheia de trilhas com bifurcações, e um percurso x leva a um local específico e por onde passam normalmente pessoas que não conhecem sinais em forma de seta, como os que há no trânsito. Nesse local foi colocada uma série de setas, indicando o caminho com destino a esse fim.

Perguntamos: nessa situação, essas mesmas pessoas chegariam ao destino guiando-se por aquelas setas? De modo algum! Como elas, que nunca tiveram contato com o "modo de vida" orientado por aqueles sinais saberiam o que eles significam? Para esse seguimento, seria necessária uma forma de proceder que, vinculada à experiência (nesse caso de seguir setas), implicaria uma forma de vida.

Conforme temos nas IF, "alguém só se orienta por uma placa de orientação na medida em que há um uso contínuo, um costume". (IF §198). Daqui pode-

mos tirar algumas conclusões do aspecto de seguir uma regra como costume, que são as que se segue: a primeira é que o ato de seguir regras não é um ato mental interno, algo que ocorre na mente, é algo público, ou seja, quando alguém vê diante de si um sinal de orientação, como uma placa, e segue a orientação indicada, não faz isso porque está obedecendo "internamente" uma regra nem agindo de acordo com ela. A outra é que seguir regras é algo que essencialmente se dá mediante uma prática social, quer dizer, é algo que existe dentro de uma comunidade que costumeiramente tem o hábito de seguir regras estabelecidas por ela.

O que se quer dizer com o fato de seguir regras é que ele está intimamente ligado à forma de vida comum dos homens, ou melhor, dos seres humanos. Seu seguimento não se dá por uma intuição. Ter em mente a regra não é recorrer a um processo mental, interno, interpretativo. É, ao contrário, dominá-la em seu caráter público. Isso porque

as práticas efetuadas quando uma regra é seguida são necessariamente ações públicas, isto é, atividades objetivas que podem ser conhecidas por outros e testemunháveis (ainda que, circunstancialmente, não o sejam, como no caso de alguém jogar paciências na solidão de seu quarto). Desta perspectiva, o "seguir a regra" está intrinsecamente ligado com a publicidade das ações realizadas quando se segue uma regra. (ARRUDA, 2017, p. 229)

Outro aspecto que também se relaciona à forma de vida refere-se à concordância entre o verdadeiro e o falso. Que garante, pois, a verificação de uma afirmação, seja no uso que fazemos comumente, seja no campo da ciência?

No livro *Da Certeza*, quando Wittgenstein se refere ao significado (que nesse ponto se refere ao que é tido como verdadeiro ou falso na significação), encontramos: "O significado de nossa fala provém do restante dos nossos modos de proceder" (DC §229).

Para ele, nas Investigações, por sua vez, "correto e incorreto é o que as pessoas dizem; e as pessoas concordam *na linguagem*. Isso não é uma concordância de opiniões, mas de forma de vida" (IF §241, grifo nosso), retomando mais uma vez uma das citações em que esse conceito aparece.

Na interpretação de Spaniol, corroborando nossa pretensão sobre essa temática, encontramos: "o fundamento único da linguagem reside no 'arcabouço' constituído por nossas *formas de vida*. E estas situam-se 'para além do que é justificado ou injustificado' (ÜG² §359)" (SPANIOL, 1990, p. 28, grifo nosso).

Pode-se dizer com Wittgenstein que toda ação é ação linguística (está intrinsecamente vinculada à linguagem). O que concordamos na ação, em nossa forma de vida, não pode se desvincular do que concordamos, da mesma forma, nos juízos que emitimos. Ou seja, se não concordássemos, por exemplo, na tabuada, se não concordássemos da mesma forma, com afirmações como "isto é branco", jamais, poderíamos calcular ou sequer o que chamamos branco existiria (aqui me refiro ao conceito de cor).

Em se tratando do significado de uma palavra, por exemplo, nas IF, ele não é algo pré-fixado (não há um ser superior, ou algo do tipo que seja sua condição de possibilidade de ser), ele também não se fundamenta num sujeito, nem muito menos se localiza no próprio objeto. Ele, repousa no uso que, em última instância, só se faz possível porque há uma forma de vida, ou formas de vida que possibilitam o ato de significar.

À guisa de uma conclusão: a relação entre *meinen* e *Lebensform*

Se o caminho percorrido até então tiver sido bem desenvolvido, cremos que o que se segue apenas se apresenta como um reflexo do que foi dito, explanado. Ou seja, mostrar o pano de fundo sob o qual se apoia o uso do ter em mente. Se não é um processo mental, como diz Wittgenstein, e nos esforçamos para trazer presente, deve haver, pois, algo que lhe dê sustentação.

Isso não quer dizer que Wittgenstein negue haver um processo mental que possibilite, por exemplo, interpretar uma fórmula, muito menos que haja uma imagem mental, também vinculada a fórmula. O que ele nos mostra é que tanto o processo mental como a imagem mental não são elementos essenciais que possibilitam que usemos corretamente uma fórmula como usamos. Ao contrário, sabemos aplicar uma fórmula porque somos habituados a fazê-lo, somos treinados a usá-la. Como diz Wittgenstein: "fui treinado para uma determinada

²Observaciones sobre los fundamentos de la matemática.

reação a este sinal, e assim reajo agora". (IF §198).

Sob outra perspectiva, sobre o ter em mente, podemos dizer que não é necessário recorrer a uma enganosa "mentalização". Essa tentativa revelaria um recurso ao inexistente, no pensamento do filósofo austríaco, pois, segundo ele não temos acesso à mente de outrem, nem sequer há algo, como afirma Wittgenstein: "Se Deus tivesse olhado em nossas mentes, não poderia ter visto lá de quem falar vamos" (IF II, p. 282).

Em se tratando do ato de seguir regras, para além da interpretação, destacamos, primeiramente, o fato de que "Wittgenstein enfatiza a ideia de que falar é uma atividade enviada por regras". (GLOCK, 1998, p. 174) E, como na significação, primeiro aspecto abordado em nosso trabalho, não se faz necessário "ter em mente" algo para se seguir uma regra, ao contrário, segue-se uma regra porque somos treinados a segui-la, há um costume, um hábito, o que se dá dentro de uma comunidade linguística.

De acordo com Glock,

as disposições e as atitudes intencionais (ter esperança, fingir, sentir dor, pretender algo, seguir uma regra) não podem ser atribuídas a terceiros somente com base em um comportamento individual momentâneo; supõem a consideração do ambiente em que tal comportamento está envolto. Tal "contexto" não é fornecido por episódios mentais concomitantes, mas antes (a) pela capacidade do sujeito; (b) por 'toda história do incidente', aquilo que aconteceu antes e depois; (c) o contexto social isto é, a existência de certos jogos de linguagem na comunidade linguística do sujeito. (GLOCK, 1998, p. 178, grifo nosso)

Em suma podemos dizer que o que se nos apresenta como intenções está presente nos costumes como elementos das instituições do ser humano. O que queremos dizer com isso é que só pretendemos jogar xadrez, porque há em nosso modo de vida uma prática que possibilita essa intenção. Em suma, de acordo com Glock (1998, p.280, grifo nosso); "com exceção das intenções humanas mais básicas, *todas as intenções supõem o tecido de uma forma de vida social e histórica*".

Pode-se inclusive dizer que até as intenções humanas mais básicas (como as intenções de beber, correr ou ir dormir), no sentido de fazer como o fazemos, supõem esse mesmo "tecido de uma forma de vida social e histórica", visto que, para Wittgenstein, toda ação humana se constitui como uma ação linguística. Dito de outra maneira, somos seres de linguagem, somos "essencialmente linguísticos". E isso, como um dado, faz parte da nossa forma de vida.

Referências

- ALMEIDA, João José R. de Lima. *A singularidade das Investigações filosóficas de Wittgenstein: fisionomia do texto*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- ALMEIDA, João José R. de Lima. As IF com obra inacabada. In: WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*. Tradução de João José R. L. de Almeida. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2017.
- ARRUDA Júnior, Gerson Francisco de. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 (Coleção 10 Lições).
- ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. *Faculdade da linguagem e forma de vida: sugestão de uma hipótese de conciliação do programa gerativo chomskyano com uma pragmática de inspiração wittgensteiniana*. 2017. 282 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, 2017. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/pergamum3/sumarios/0000aa/0000aa9f.pdf>>. Acesso em: 20/08/2021.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GRAYLING, A.C. *Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HEBEICHE, Luiz. *A filosofia sub specie grammaticae: curso sobre Wittgenstein*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.
- HINTIKKA, Merrill B; HINTIKKA, Jaakko. *Uma investigação sobre Wittgenstein*. 1. ed. Campinas (SP): Papyrus, 1994.
- MORENO, Arley R. *Wittgenstein: os labirintos da linguagem*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.
- MORGADO, Paulo. *Wittgenstein e a Mente. O Interior/Exterior e a sua relação com o Pensar*. Covilhã, 2009.
- PEARS, David Francis. *As ideias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- PENCO, Carlo. *Introdução à Filosofia da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SOUZA, Marcus José Alves de. Filosofia da mente de Wittgenstein: parâmetros gramaticais e conceitos psicológicos. *Perspectiva Filosófica*, v. 41, n. 2, 2014.
- SPANIOL, Werner. *Filosofia e método no segundo Wittgenstein: Uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1989.
- SPANIOL. "Formas de vida": Significado e função no pensamento de Wittgenstein. *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: FAJE, 1990.
- VELLOSO, Araceli. Forma de vida ou formas de vida. *Rev. Filósofos* 8 (2): 159-184, jul./ dez.2003.
- WITTGENSTEIN. *Da certeza*. Tradução de Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70. 1969.
- WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*. Tradução de João José R. L. de Almeida. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.
- WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1999.
- WITTGENSTEIN. *Observaciones sobre los fundamentos de la matemática*. Version espanola de Isidoro Reguera. Madri: Alianza Editorial, 1987.
- WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo-SP: Editora da USP, 2001.
- WITTGENSTEIN. *Movimentos de pensamento: diários de 1930-32/1936-37*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- WITTGENSTEIN. *Observações filosóficas*. São Paulo: Loyola, 2005.
- WOHLKE, Karine Gome. *A concepção do mental em Wittgenstein: um modo de abordar a linguagem e a significação*. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191492>. Acesso em: 28/08/2021.

Recebido: 29/03/2022

Aprovado: 10/04/2022

Publicado: 30/04/2022

